



# Língua, cultura e identidade: fronteiras entre línguas nos dizeres de um imigrante

Language, culture, and identity:  
boundaries between languages in the speech of an immigrant

Gabriela Fujita

<https://orcid.org/0009-0002-8462-324X>

Cristiane Carneiro Capristano

<https://orcid.org/0000-0003-1225-5716>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo geral analisar como a língua japonesa emerge em interações verbais orais em português brasileiro de um sujeito imigrante japonês, tomando como corpus o documentário *As Lentes de Kenji* (2008), que homenageia o fotógrafo Kenji Ueta, imigrante japonês radicado em Maringá. Como objetivos específicos, este trabalho tem (a) identificar como o sujeito mobiliza a língua japonesa (e, conseqüentemente, a cultura japonesa) em sua enunciação, e (b) descrever os usos do japonês a partir da noção das heterogeneidades enunciativas, de Authier-Revuz (1990; 1998; 2004; 2007). Com esses objetivos, espera-se compreender como o sujeito transita entre fronteiras linguísticas e culturais na sua construção enquanto sujeito imigrante e na sua circulação por identidades – no sentido de Hall (2006). Para tanto, foram selecionados e transcritos, de acordo com as normas do NURC descritas por Castilho (2014), 4 trechos em que o sujeito é flagrado transitando entre línguas. Dessa seleção, realizou-se uma análise dos usos do japonês no dizer do sujeito e, concomitantemente, dos pontos de heterogeneidade mostrada que emergem na fala desse imigrante. Os resultados indicam que essas emergências se configuram como marcas discursivas que mostram um sujeito cindido entre línguas e culturas e pela dupla nacionalidade nipo-brasileira. Assim, ao recorrer ao japonês para expressar suas experiências e práticas, o sujeito reafirma suas identidades nipo-brasileira, articulando-se discursivamente entre duas tradições linguísticas e culturais.

**Palavras-chave:** Heterogeneidade enunciativa; Imigração japonesa; Identidade nipo-brasileira.

**Abstract:** This study has the main objective to analyze how the Japanese language emerges in oral verbal interactions in Brazilian Portuguese by a Japanese immigrant subject, using as its corpus the documentary *As Lentes de Kenji* (2008), which pays tribute to photographer Kenji Ueta, a Japanese immigrant living in Maringá. As specific objectives, this work has to (a) investigate how the subject mobilizes the Japanese language (and, consequently, Japanese culture) in their enunciation, and (b) describe the uses of Japanese based on the theory of enunciative heterogeneities by Authier-Revuz (1990; 1998; 2004; 2007). With these objectives, we hope to understand how they navigate linguistic and cultural boundaries in the construction of their immigrant subjectivity and their circulation through identities – in the sense proposed by Hall (2006). To this end, 4 excerpts in which the subject transitions between languages were identified and transcribed according to the NURC standards described by Castilho (2014). From this selection, an analysis was carried out of the uses of Japanese in the subject's speech and, concomitantly, of the points of heterogeneity shown that emerge in this immigrant's speech. The results indicate that these occurrences function as markers that reveal a subject split between languages and cultures, shaped by their dual Japanese-Brazilian nationality. Thus, by resorting to Japanese to express their experiences and practices, the subject reaffirms their Japanese-Brazilian identities, articulating their speech between two linguistic and cultural traditions.

**Keywords:** Enunciative heterogeneity; Japanese immigration; Japanese-Brazilian identity.



## INTRODUÇÃO

Desde o movimento migratório promovido pelo governo japonês e brasileiro no início do século XX, os imigrantes japoneses trouxeram seus valores, costumes e língua para o país. O contato desses imigrantes com a língua portuguesa não raro coloca em cena, por um lado, diferenças entre as duas línguas e, por outro, usos do português no qual emergem traços da língua japonesa. Para compreender as particularidades desse contato linguístico, é essencial considerar a condição de imigrante não apenas como um deslocamento geográfico, mas também como um fator que influencia a enunciação e o discurso, refletindo a complexa interação entre diferentes sistemas linguísticos, ideológicos, históricos e culturais. Antes de avançarmos na análise dessas manifestações, é necessário discutir como o conceito de imigrante se articula enquanto definição do sujeito, aspecto fundamental para entendermos a heterogeneidade enunciativo-discursiva presente na condição de imigração.

De acordo com Bourdieu (1998, p. 11), a condição de imigrante difere-se da condição de cidadão nativo e de estrangeiro, uma vez que “Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o ‘imigrante’ situa-se nesse lugar ‘bastardo’ [...] a fronteira entre o ser e o não-ser social”. Partindo dessa discussão, Barbosa (2010) trata sobre esse deslocamento do sujeito universal sob duas perspectivas: uma em que o sujeito imigrante recorre aos fluxos migratórios em busca de ascensão financeira e social; e outra na qual o sujeito é “um indivíduo em ‘suspensão’ cuja identidade e identificação estão postas em dualidade com a identidade e identificação próprias do grupo onde se encontra, embora não esteja, necessariamente, inserido” (*ibid.* p. 19). Nessa fronteira, o imigrante se encontra dividido pela cultura de origem e de destino, não encontrando um lugar em nenhum dos dois lados (Bourdieu, 1998) e, conseqüentemente, constituindo-se como um sujeito de identidade cindida.

Em relação à identidade, Coracini (2007) aponta que, embora se crie uma ilusão no sujeito, a identidade não é inata nem natural, mas sim naturalizada por meio de processos inconscientes, e permanece sempre incompleta, em constante processo de formação. Nesse mesmo viés, Hall (2006) aponta que o sujeito pós-moderno assume diferentes identidades em diferentes momentos, identidades essas que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Para o autor, portanto,

a identidade plena, unificada, segura e coerente é uma fantasia, de forma que, "em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento" (Hall, 2006, p. 39, grifo do autor). Nesse contexto, o sujeito imigrante, assim como todos os demais sujeitos da pós-modernidade, tem sua identificação múltipla, a qual se estabelece à medida que os sistemas de significação e representação cultural se expandem (Hall, 2006).

Ao tratar do sujeito imigrante, portanto, trata-se tanto da fronteira do não-pertencimento cultural (Bourdieu, 1998), quanto da multiplicidade identitária da qual ninguém se desvencilha (Hall, 2006). Para além das questões migratórias de pertencimento relacionadas à Terra enquanto espaço geográfico, as línguas do sujeito imigrante, seja ela língua materna ou língua estrangeira, adquirem especial significado para análise do sujeito. A língua, de acordo com Coracini (2007), configura-se como algo simultaneamente materno e estrangeiro, pois, ao mesmo tempo em que provoca estranhamento, também serve como um lugar de inscrição e pertencimento. O sujeito imigrante se instala, assim, em um exílio permanente, nunca se sentindo totalmente "em casa" em nenhuma das línguas que utiliza, pois a língua precede e sucede o sujeito, não pertencendo a ninguém. Ao mesmo tempo, por meio de enunciados, "se instala um sujeito constituído do e pelo outro, pelo dizer do outro, pela linguagem que é sempre do outro, mas que também é dele e que nele se singulariza" (Coracini, 2007, p. 51).

Nesse cenário, o contato linguístico entre as duas línguas torna-se relevante enquanto mecanismo de constituição dos sujeitos<sup>1</sup>, pois "trazer a questão da língua é trazer a questão do sujeito e da identidade; e falar de língua, sujeito e identidade nos remete à noção de idioma" (Coracini, 2007, p. 49), o que é potencializado na análise das relações entre línguas de um sujeito imigrante. Em relação ao sujeito imigrante japonês no Brasil – que é objeto de análise neste trabalho –, Lesser (2001, p. 221) define a identidade desses como cindida "simultaneamente brasileira na nacionalidade (incluindo cidadania, língua e cultura) e japonesa em etnicidade (embora o Japão, aqui, fosse mais uma memória coletiva do que o Japão de fato)", de maneira que os imigrantes

---

<sup>1</sup> Neste artigo, partilhamos a concepção de sujeito de Authier-Revuz (1990; 1998; 2004; 2007), que considera o sujeito lacaniano como resultado de uma estrutura complexa em que o sujeito é, na realidade, um efeito de linguagem, como condição do inconsciente, de forma que é "produzido pela linguagem e estruturalmente clivado pelo inconsciente – quer dizer, onde o sujeito, efeito de linguagem, advém dividido, na forma de uma 'não-coincidência' consigo mesmo" (Authier-Revuz, 1998, p. 186).

japoneses e seus descendentes que se constituíram como parte da população brasileira não são *japoneses*, e sim *nipo-brasileiros*.

Em uma breve procura nos bancos de dados de pesquisas acadêmicas, nota-se que, em geral, os trabalhos produzidos acerca do contato linguístico do japonês com o português se restringem mais frequentemente às questões fonéticas e morfológicas, voltadas, em muitos casos, para a análise da chamada "interferência" do japonês na produção de fala e de escrita de imigrantes japoneses falando português. Outro aspecto bastante estudado é relacionado ao ensino-aprendizagem da língua japonesa enquanto língua estrangeira, em perspectivas também voltadas para a "interferência" de uma língua na outra, interferência essa vista muitas vezes de modo negativo. Partindo para uma análise do funcionamento linguístico e discursivo, distante da visão dicotômica do contato de línguas, pretende-se, com esta pesquisa, de caráter exploratório, contribuir para a compreensão da constituição do sujeito nipo-brasileiro, localizado na fronteira entre línguas e culturas, esse lugar o qual "instala-se a 'con-fusão' (fusão entre as línguas) que dá lugar às genealogias mestiças ou às mestiçagens identitárias" (Coracini, 2007, p. 45).

Para tanto, o objetivo geral deste trabalho é analisar como a língua japonesa emerge no uso do português brasileiro de um sujeito imigrante japonês. Mais do que a relação entre línguas sob um ponto de vista dicotômico, o que propomos aqui é analisar a relação do sujeito na fronteira das duas línguas e culturas, e a maneira como ele recorre a outras – língua e cultura – para constituir sua linguagem, identidades e a si próprio. Para desenvolver esse objetivo geral, tem-se como objetivos específicos: (a) identificar momentos em que o japonês é utilizado pelo sujeito em uma interação "em português"; e (b) descrever esses usos do japonês a partir da noção das heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz (1990; 1998; 2004; 2007). Com esses objetivos, espera-se poder flagrar e descrever cenas da constituição do imigrante japonês enquanto sujeito, por meio dos pontos de heterogeneidade que emergem em seu dizer.

A fim de desenvolver esses objetivos, este artigo encontra-se organizado em três seções, além desta Introdução e das Considerações Finais. Na primeira dessas seções, faz-se uma breve incursão na noção de heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz (1990; 1998; 2004; 2007), com a finalidade de apresentar as balizas teóricas da pesquisa, bem como algumas noções que serão

necessárias para o desenvolvimento dos objetivos da pesquisa. Na segunda seção, são fornecidas informações sobre o material e a metodologia adotados para a análise e discussão dos resultados da pesquisa que, por sua vez, serão apresentados na terceira seção.

## BALIZAS TEÓRICAS

A fim de analisarmos como um sujeito imigrante japonês transita na fronteira entre a língua japonesa e a língua portuguesa, partimos das contribuições da linguista Authier-Revuz (1990; 1998; 2004; 2007), no que tange às heterogeneidades enunciativas, para nortear o nosso olhar analítico, voltado para o plano da linguagem, que nos permite compreender a constituição do sujeito e seus processos de identificação.

A partir do dialogismo e da polifonia bakhtinianos e da noção de sujeito lacaniana, Authier-Revuz (1990; 1998; 2004; 2007) descreve linguisticamente as heterogeneidades que inscrevem o outro/Outro<sup>2</sup> na cadeia do discurso. Daí resulta o conceito da heterogeneidade enunciativa, a qual permite que “na linearidade de uma cadeia [discursiva], se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da ‘pontuação inconsciente’” (Authier-Revuz, 1990, p. 28).

Para a linguista francesa, as heterogeneidades enunciativas permitem compreender como o discurso de outro/Outro ocorre e constitui outros discursos, sendo classificadas de duas maneiras: constitutiva e mostrada. A primeira é compreendida como princípio organizador e condição necessária de existência de todo dizer, um processo que não aparece linguisticamente na cadeia discursiva; enquanto a segunda, ao alterar a cadeia discursiva e inscrever o outro/Outro, pode ser entendida como uma manifestação linguística da negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva: trata-se da representação, no dizer do um, das diferenciações, das disjunções, das fronteiras interior/exterior por meio das quais um sujeito se delimita na pluralidade dos outros/Outros, ao mesmo tempo em que se estabelece na figura de um enunciador exterior ao seu próprio dizer (cf. Authier-Revuz, 1990, p. 32).

---

2 Aqui e nos trabalhos de Authier-Revuz (1990; 1998; 2004; 2007), o Outro (grafado com letra inicial maiúscula) refere-se às determinações do inconsciente; o outro (grafado em letra minúscula), por sua vez, diz respeito ao outro da interlocução, aquele a quem nos dirigimos no transcurso do processo enunciativo.

A heterogeneidade mostrada pode, ainda, ser classificada de duas formas: não-marcada e marcada. As formas **não-marcadas** da heterogeneidade mostrada correspondem àquelas que estão implícitas no fio do discurso, de modo que essas formas se materializam no dizer, por exemplo, por meio do discurso indireto livre, da alusão, da ironia, da imitação, da reminiscência e do estereótipo. Segundo Brandão (2012, p. 61), nas formas de heterogeneidade não-marcada, a presença do outro/Outro não é explicitada por marcas unívocas e, portanto, “não há uma fronteira linguística nítida entre a fala do locutor e a do outro, as vozes se imiscuem nos limites de uma única construção linguística”.

Já as formas **marcadas** da heterogeneidade mostrada apresentam uma dupla relação contextual: uma em relação à linearidade da cadeia discursiva e outra relativa ao exterior discursivo com o qual ele coincide. As formas marcadas de heterogeneidade mostrada, ao designar o outro/Outro, constroem uma representação ilusória da enunciação para que o discurso possa ser mantido no desconhecimento da heterogeneidade constitutiva; “nesse sentido que a heterogeneidade mostrada pode ser considerada como um modo de denegação no discurso da heterogeneidade constitutiva que depende do outro no um” (Authier-Revuz, 2004, p. 74, grifos da autora).

Em relação aos tipos marcados de heterogeneidade mostrada, a linguista francesa apresenta como possibilidades os discursos diretos e indiretos, e as diversas formas de conotação (modalização) autonímica. Na conotação ou modalização autonímica, o sujeito locutor “faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso (sem ruptura própria à antonímia) e, ao mesmo tempo, ele as mostra” (Authier-Revuz, 2004, p. 13). A autora ainda destaca que, por meio desse mecanismo,

(...) figura normal de usuário das palavras é desdobrada, momentaneamente, em uma *outra figura*, a do observador das palavras utilizadas; e o fragmento assim designado - marcado por aspas, itálico, por uma entonação e/ou por outra forma de comentário - recebe, em relação ao resto do discurso, um *estatuto outro* (Authier-Revuz, 2004, p. 13, grifos da autora).

Trata-se, portanto, de momentos nos quais o sujeito retoma e reflete sobre sua própria fala no fio do discurso, isto é, de modo metaenunciativo. Um dos casos destacados por Authier-Revuz (2004, p. 14) como manifestação de conotação ou modalização autonímica ocorre quando, no discurso em uma

língua, emergem “glosas que nomeiam o outro-estrangeiro”, emergindo o contato entre línguas. Um exemplo disso pode ser observado no seguinte excerto, parte do *corpus* deste trabalho, “*Santosu-maru... pôs o nome do.. Santos ENTON todos navio japonês coloca MAR/maRU ahn:: Rio de Janeiro-maru Santos-maru Burasiru-maru*”. Nesse excerto, os nomes das embarcações, assinaladas com o afixo *-maru*, são acompanhadas da glosa metaenunciativa “*todos navio japonês coloca MAR/maRU*”, configurando-se, pois, como um ponto de conotação (modalização) autonímica.

Desse modo, a presença da glosa metaenunciativa não apenas sinaliza um ponto de modalização autonímica, mas também evidencia as heterogeneidades do dizer. Essas heterogeneidades, por sua vez, podem ser analisadas a partir das duas “operações de delimitação” (Authier-Revuz, 2007, p. 15), que configuram esses pontos de heterogeneidade em marcada ou não-marcada: **operação de localização-delimitação** do fragmento na linearidade do discurso; e **operação de localização-identificação** da fonte exterior no espaço do já-dito.

Na primeira operação, observam-se os limites entre o já-dito no discurso do sujeito. Assim, na localização-delimitação, os fragmentos “tomados de empréstimo” pelo sujeito podem se manifestar por elementos da forma da língua, pelas aspas, itálico, entonação e/ou por alguma forma de comentário (Authier-Revuz, 2004), ou seja, por comentários metaenunciativos no próprio fio discursivo, que delimitam o fragmento tomado do outro/Outro em diferentes graus de balizamento. Nos casos em que essa delimitação não é clara, a presença do outro/Outro deixa de ser marcada no discurso, deslocando-se para o campo do implícito, do sugerido e do não-marcado. Desse modo, portanto, não há uma divisão linguística nítida entre a fala do locutor e a do outro/Outro, pois as vozes se misturam dentro de uma mesma construção linguística (Brandão, 2012).

Para exemplificar os graus da operação de localização-delimitação, Authier-Revuz (2007, p. 15, grifos da autora) analisa o enunciado “A Princesa Palatina sabe também ser séria. De origem protestante, ela se comporta com menos hipocrisia do que ‘*as velhas carolas*’ – *é dela a expressão* – que a cercam”. Nesse enunciado, as aspas asseguram um alto grau de localização-delimitação, não deixando dúvidas dos limites do já-dito tomado como empréstimo. Em contrapartida, no enunciado “O homem é o resultado de *um curioso arranjo, como diz François Jacob*, no nível evolutivo.” (*ibid.* p. 16, grifos da autora), também

analisado pela linguista francesa, outro grau de balizamento é observado: embora o sujeito ainda indique a fonte do dizer, o grau de localização-delimitação desse enunciado é mínimo, sem demarcar com exatidão os limites do já-dito tomado como empréstimo.

Na operação de localização-identificação, é possível localizar "o ponto do interdiscurso ao qual um fragmento é remetido" (Authier-Revuz, 2007, p. 17). Diferentemente da primeira operação, que se dedica à delimitação dentro do próprio discurso do sujeito, na localização-identificação busca-se o lugar de exterioridade discursiva para qual o fragmento tomado como empréstimo remete, buscando a que outro interdiscurso o sujeito recorreu.

Assim como a operação anterior, Authier-Revuz (2007) exemplifica os diferentes graus da operação de localização-identificação. De acordo com a linguista, o mais alto grau de balizamento dessa operação é o uso de citações acadêmicas, cujas indicações explícitas das obras não deixam dúvidas quanto ao ponto do interdiscurso ao qual o fragmento é remetido. Já em casos como "É a perfeição perseguida por algumas sapiências. Mas, o '*belo hoje*' traz dilaceramento, e seu '*golpe de asas em desvario*', nos deixa a mercê de outros destinos." (*ibid.* p. 19, grifos da autora), ainda que as aspas delimitem o já-dito, encontramos o nível mais baixo de localização-identificação, no qual a ausência de qualquer indicação de fonte do dizer torna "puramente interpretativo que o fragmento da cadeia encontrará ou não seu 'respondente' na memória discursiva" (*ibid.* p. 18)<sup>3</sup>.

Ao unir as duas operações de delimitação – de delimitação do trecho na cadeia discursiva e identificação da fonte no domínio do já-dito – para a análise das heterogeneidades, é possível reconhecer como o elemento mencionado é integrado na continuidade sintática do discurso, ao mesmo tempo que, pelas marcas, é remetido ao exterior do discurso. Dessa maneira, portanto, tem-se a dupla designação no discurso: "a de *um lugar* para um fragmento de estatuto diferente na linearidade da cadeia e a de uma *alteridade* a que o fragmento remete" (Authier-Revuz, 1990, p. 30, grifos da autora) que constituem a dupla afirmação do um, o qual precisa recorrer a outros/Outros – lugares, discursos, línguas, sentidos – para se constituir.

---

3 Os trechos aspeados e em itálico são alusões à Stéphane Mallarmé, poeta francês.

As reflexões teóricas apresentadas até aqui guiarão nossa análise. A escolha por essas balizas teóricas (e não outras) está intimamente ligada ao desejo de contribuir para a compreensão da constituição do sujeito nipo-brasileiro (e de sua identidade, no sentido de Hall, 2006), a partir da sua circulação nas fronteiras entre línguas e culturas, nesse lugar de entrelaçamento e, mais ainda, de fusão entre línguas e culturas, entendido, nesta pesquisa exploratória, como pontos de heterogeneidade (Authier-Revuz, 1990; 1998; 2004; 2007). Assim, os conceitos referenciados nesta seção serão fundamentais para a identificação, descrição e interpretação dos fenômenos linguísticos observados no dizer fotógrafo Kenji Ueta e, conseqüentemente, ponto de partida para as decisões teórico-metodológicas apresentadas na próxima seção.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Para compor o *corpus* do trabalho, como antecipado, selecionamos o documentário *As Lentes de Kenji*<sup>4</sup>, lançado em comemoração ao Centenário da Imigração Japonesa, em 2008, sob a direção de Antonio Roberto de Paula e produção de Luiz Fabretti, que homenageia o fotógrafo Kenji Ueta, fixado em Maringá desde 1951. Kenji, assim como muitos imigrantes japoneses, veio para o Brasil ainda criança e aqui residiu até seu falecimento, decorrente da COVID-19. Na cidade de Maringá, Kenji Ueta foi reconhecido como "pioneiro"<sup>5</sup> da profissão, além de ser uma figura importante para a comunidade nipônica de Maringá, envolvido em entidades representativas da comunidade nipo-brasileira da cidade.

A partir das considerações de Authier-Revuz (1990; 1998; 2004; 2007) sobre as heterogeneidades enunciativas, temos que o lugar da interpretação analítica neste trabalho é a própria linguagem. Nesse sentido, não se trata apenas partir do sentido manifesto de uma palavra em japonês que emerge no dizer a ser analisado e traduzi-lo; mas sim de realizar um trabalho de escuta que envolve recorte, pontuação e eco, incidindo sobre a materialidade da cadeia falada

---

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hgROZE09rH4>.

5 O termo "pioneiro" foi empregado no sentido legal estabelecido pela Lei Ordinária Nº 3380/93 de Maringá, a qual confere o título de "Pioneiro" aos indivíduos que se mudaram para a cidade até o ano de 1950, enquanto o título de "Pioneiro na Profissão" é atribuído àqueles que estabeleceram residência no município até 1960. Contudo, isso não significa que adotamos o discurso que defende a ideia de que, antes da construção da cidade na década de 1940, a região fosse inabitada – e, portanto, que os "pioneiros" seriam os "primeiros". A formação das cidades no norte do Paraná, na primeira metade do século XX, ocorreu em terras já habitadas por povos indígenas, devendo ser compreendida como um processo de "reocupação", conforme argumenta Tomazi (1999), parte de um empreendimento de colonização empresarial.

(Authier-Revuz, 2004). Por meio desse percurso, pretendemos analisar como a língua japonesa emerge em uma interação verbal oral em língua portuguesa, a fim de compreender a constituição do sujeito cindido e constituído entre línguas e culturas. Ademais, vale ressaltar mais uma vez que esta pesquisa tem caráter exploratório e busca contribuir para a compreensão da constituição do sujeito nipo-brasileiro, situado na fronteira entre línguas e culturas. Não pretendemos esgotar as manifestações das heterogeneidades no documentário, mas sim analisar como ocorre o encontro/confronto entre as línguas – em uso ou como referência – e de que maneira esse encontro/confronto participa da constituição do sujeito desta pesquisa.

A partir do *corpus*, portanto, foi feita uma seleção de momentos em que o sujeito faz uso da língua japonesa em sua fala ou se refere a ela e, nessas ações, pode-se ver a emergência de uma manifestação das heterogeneidades enunciativas, como delimitadas na seção anterior. Com essa delimitação, identificamos 4 trechos em que Kenji Ueta recorre à língua japonesa e à própria cultura japonesa para constituir seu dizer o que, concomitantemente, constitui a suas identidades e a si mesmo enquanto sujeito. Para a transcrição do material, partimos das normas do projeto do NURC, descritas por Castilho (2014).

A partir dessa transcrição, realizamos a análise qualitativa dos usos da língua japonesa, a fim de compreender pontos de heterogeneidades na fala de Kenji. Para a análise qualitativa das emergências da língua japonesa no dizer do sujeito, outras obras, além das de Authier-Revuz, foram incorporadas ou consultadas para colaborar na análise dos dados encontrados. Foram incluídos os trabalhos de Doi (2000), Ohata (2004) e Nomura (2012), acerca das sílabas em japonês; as pesquisas de Dai Prá, Magalhães e Schemes (2022), Sato (2011) e Hatugai (2015), sobre eventos e práticas ligadas às associações japonesas; e as considerações de Cazelato (2009) sobre os provérbios e seus traços que podem identificar especificidades e valores culturais.

## ANÁLISE DO *CORPUS*

Para esta análise, foram selecionadas ocorrências do documentário em que Kenji Ueta, no encadeamento do seu dizer, abandona sua “figura normal de usuário das palavras” e passa a atuar como “observador” das palavras que utiliza.

Trata-se, como antecipado, dos momentos nos quais o sujeito foi flagrado transitando entre línguas, ao que compreendemos como marcas de heterogeneidade mostrada. Como abordado nas seções anteriores deste trabalho, não pretendemos exaurir as manifestações de heterogeneidades do corpus selecionado, e sim construir uma reflexão teórico-analítica sobre como se dá o encontro e o confronto entre línguas para a constituição do sujeito (e de suas identidades) desta pesquisa.

A partir da seleção, chegou-se a 4 excertos em que é possível reconhecer pontos de heterogeneidade, os quais foram transcritos conforme as normas do NURC descritas por Castilho (2014), como mencionado. Para o desenvolvimento da análise qualitativa, começamos pela classificação das ocorrências encontradas segundo as contribuições de Authier-Revuz (1990; 1998; 2007; 2004); em seguida, o trabalho analítico seguiu com obras que colaboram para a compreensão da relação entre línguas em que o sujeito se encontra, a fim de captar pistas de suas identidades enquanto sujeito cindido e constituído pela dupla nacionalidade nipo-brasileira. Vejamos o primeiro excerto selecionado:

(1) *Nosso na.../que veio navio era um... era um dos época mais moderno navio era BOM e:: 48 dia... gastou... chamava esse navio... Santosu-maru... pôs o nome do.. Santos ENTON todos navio (1a) japonês coloca MAR/maRU ahn:: Rio de Janeiro-maru Santos-maru Burasiru-maru enton é dos Santosu-maru era um navio muito... a/moderno e:: demorava quase 50/(60 dias) mas (ele) chegou em 48 dia/saiu (diz que) saiu até no jornal que o Santosu-maru chegou em 48 dia no Brasil*

No excerto (1) é possível observar ocorrências em japonês com o uso do afixo *-maru*. Assim, consideramos como pontos de heterogeneidade os termos *Santosu-maru/Santos-maru, Rio de Janeiro-maru, Burasiru-maru* e as diferenças silábicas em relação à língua portuguesa em "*MAR/maRU*" e nas pronúncias dos nomes das cidades.

De acordo com Authier-Revuz (2007), os pontos de heterogeneidade envolvem duas operações de delimitação que permitem reconhecer os pontos de heterogeneidade dentro da cadeia discursiva e os alhures a que remete, assim como abordado na seção de Balizas teóricas. A primeira operação, denominada *localização-delimitação*, refere-se ao "'recorte' do fragmento tomado de empréstimo" (ibid. p. 15), o qual pode ser marcado pelas formas da língua, permitindo a distinção entre o discurso do próprio sujeito e ao empréstimo ao qual

recorreu. A segunda operação de delimitação, a *localização-identificação*, tem como foco o ponto do interdiscurso ao qual um fragmento remete.

Nesse sentido, em relação à primeira operação de delimitação, observa-se no excerto (1) uma parcial localização-delimitação do empréstimo em "*chamava esse navio... Santosu-maru... pôs o nome do.. Santos ENTON todos navio japonês coloca MAR/maRU ahn:: Rio de Janeiro-maru Santos-maru Burasiru-maru*". Isso ocorre pois não há um limite bem definido do dizer, mas o comentário reflexivo (1a) – "*japonês coloca*" – indica a existência de uma fronteira reconhecível, principalmente pela epêntese vocálica<sup>6</sup> na pronúncia das palavras *Santosu-maru/Santos-maru, Rio de Janeiro-maru, Burasiru-maru* e "*MAR/maRU*".

Desse modo, embora o sujeito não indique explicitamente a fronteira entre o seu dizer e o dizer do outro/Outro, há uma parcial localização-delimitação que nos permite reconhecer *Santosu-maru/Santos-maru, Rio de Janeiro-maru, Burasiru-maru* e "*MAR/maRU*" como provenientes de (1a). No entanto, a falta de delimitação, unida à organização sintática, gera certa ambiguidade quanto ao dizer de "*japonês coloca*" (1a). Assim, tanto o trecho que antecede (1a) – "*Santosu-maru... pôs o nome do.. Santos ENTON todos navio*" –, quanto aquele que o sucede – "*MAR/maRU ahn:: Rio de Janeiro-maru Santos-maru Burasiru-maru enton é dos Santosu-maru*" – podem ser interpretados como referentes à "*japonês coloca*".

Em relação à segunda operação (*localização-identificação*), no excerto (1a), a indicação do empréstimo em "*japonês coloca*" torna incerta a sua localização no interdiscurso, uma vez que não é possível identificar de forma unívoca a origem à qual remete, pois pode referir-se indistintamente a todos os japoneses, sejam eles imigrantes ou não.

A partir das imprecisas operações de delimitação de empréstimo comentadas, portanto, pode-se interpretar que, segundo o sujeito: i) os japoneses foram os responsáveis por colocar o nome de *Santos Maru* na embarcação; ou ii) os japoneses colocam *-maru* em todos os navios de imigração japonesa. Dentre essas possibilidades, compreendemos a segunda como mais generalizada e possível, pois, conforme os exemplos que seguem a ocorrência (1a) – "*Rio de Janeiro-maru Santos-maru Burasiru-maru*" –, todas as embarcações são

6 Define-se *epêntese vocálica* quando a consoante em posição final da sílaba admite uma vogal para a formação de uma nova sílaba (Câmara Jr., 1999).

caracterizadas na língua japonesa pelo afixo *-maru*. Além disso, a entonação que antecede (1a) – “*ENTON todos navio*” – ajuda a reforçar o funcionamento dessa marca de heterogeneidade mostrada.

Vale destacar, ainda quanto a esse primeiro excerto, uma outra maneira pela qual se pode ver o sujeito imigrante em um lugar de fronteiras (Bourdieu, 1998), entre línguas e culturas. Trata-se da emergência da oposição *mar/maru*, aqui interpretada também como uma pista de heterogeneidade mostrada não-marcada. Embora o nome dado às embarcações referidas do excerto (1) sejam, respectivamente, *Santos Maru*, *Rio de Janeiro Maru* e *Brazil Maru*, observa-se a epêntese vocálica desses nomes. De acordo com Benites (2011), em língua portuguesa, as sílabas podem ser formadas por uma única vogal (V) ou de uma vogal precedida ou seguida de consoantes<sup>7</sup> (C), de modo que o esquema silábico se apresenta como (C) (C) V (C) (C), sendo as consoantes líquidas /l, r/, a nasal /N/, a fricativa coronal /s/ e, para alguns, os glides, os únicos fonemas a ocuparem a posição final das sílabas.

Diferentemente disso, de acordo com Doi (2000), a língua japonesa é formada predominantemente pela sílaba básica (C) V e não admite encontros consonantais iniciais e finais como o esquema silábico em português (Ohata, 2004). Além disso, Ohata (2004) aponta que as sílabas em japonês não podem terminar com uma consoante, exceto em casos de consoantes geminadas, em que as consoantes /k/, /p/, /t/, quando duplicadas, podem ocupar a posição final da sílaba (CVC), como em /mot.to/ (Nomura, 2012). Assim, comparando os esquemas silábicos entre a língua portuguesa e a pronúncia feita pelo sujeito, chega-se ao Quadro 1.

**Quadro 1 - As sílabas**

Palavra	Sílaba em português	Pronúncia feita	Sílaba na pronúncia
Santos	CVCVC	Santosu	CVCVCV
Brasil	CCVCVC	Burasiru	CVCVCVCV
Mar	CVC	Maru	CVCV

Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, a comparação entre as sílabas em português e a pronúncia registrada na transcrição do excerto (1), unida à correção da pronúncia de *mar* para *maru* – também descrita no Quadro 1 –, demonstra o conflituoso e

<sup>7</sup> Além das consoantes, as vogais podem vir acompanhadas por semivogais. De acordo com Benites (2011), as semivogais não ocupam o ápice silábico, mas comportam-se semelhantemente às consoantes, podendo ocupar a posição silábica destas.

incontrolável (Oberst, 2019) contato das sílabas em língua portuguesa com as sílabas em língua japonesa. Nesse excerto, portanto, é possível identificar outro ponto de heterogeneidade no qual reconhecemos o sujeito em um lugar de fronteiras (Bourdieu, 1998) entre línguas e culturas.

Na sequência, passa-se a análise do segundo excerto selecionado.

(2) *Nosso navio acho que veio:..... veio:.... enTON (bem assim) mas sei que chegou ahn:: mil e pouco no.. memo navio.. ah:: (2a) Tinha gincana que/undokai chamava corrida Tinha apresentação de:: teatro palE:stra e::: jogo de:: dama shoge8/tinha TUdo diversão lá dentro ((corte de edição)) chegou Santos 23 de março de 1933*

A segunda ocorrência registrada apresenta um momento que poderíamos compreender como ponto de heterogeneidade. Em (2a) há uma correção da palavra gincana para undokai, de modo que o sujeito, em sua ilusão subjetiva, considera a primeira como inadequada para expressar com precisão o que deseja referir; (2a) é, assim, um ponto de heterogeneidade, pois nele há uma atividade reflexiva sobre o próprio dizer.

Diferentemente do sentido de competição dado por gincana, de acordo com Dai Prá, Magalhães e Schemes (2022), undokai refere-se a um evento poliesportivo anual, que teve origem no Japão durante o período Meiji (1868-1912), com a finalidade de promover a confraternização entre os participantes e a comunidade. De acordo com Sato (2011), esse evento é organizado por associações formadas pelos imigrantes e descendentes japoneses – as chamadas nihonjinkai – e acontecem desde as embarcações com destino ao Brasil, como o próprio sujeito analisado relatou. Dessa maneira, Sato (2011, p. 3, grifo nosso) aponta que “o undokai revigora uma pré-narratividade cultural nipônica, do qual, propositalmente faz da festa um ritual de perpetuação dos supostos signos de outrora”, que conferem aos sujeitos participantes dessa festividade a pertença étnica a uma comunidade na qual se convivia.

Dessa maneira, no excerto “Tinha gincana que/undokai chamava”, ao corrigir a palavra gincana para undokai, a primeira mostra-se inapropriada para o

---

8 Para aqueles que não conhecem a língua japonesa, a sequenciação de *dama* e *shoge* poderia ser confundida como uma tentativa de adequação semelhante àquela que se vê em (2a). No entanto, trata-se, na verdade, da apresentação de nomes de jogos distintos e não uma marca explícita da não-correspondência entre palavra e o sentido esperado. Embora também nessa sequenciação se possa ver o sujeito entre línguas e culturas, a análise de *dama* e *shoge* demandaria reflexões que escapam aos objetivos desta pesquisa.

sentido que o sujeito esperava, havendo a heterogeneidade, isto é, uma falha entre a palavra e a coisa. Ao utilizar uma palavra que julga inoportuna, "aparece o problema do sentido 'que não é óbvio' para um elemento X do dizer, mostrado através de glosas que desdobram o dizer desse elemento pela explicitação aqui e agora do seu sentido" (Authier-Revuz, 1998, p. 29, grifo da autora). Para fixar explicitamente um único sentido para gincana, o sujeito realiza a "explicitação univocizante do sentido dessa unidade do seu dizer" (Authier-Revuz, 1998, p. 31, grifos da autora), preenchendo o plano metaenunciativo com undokai, uma sinonímia para garantir a especificação do sentido para além de uma atividade recreativa, usando da língua japonesa para também expressar parte da cultura.

Além disso, em relação às operações de delimitação apontadas por Authier-Revuz (2007) comentadas no início deste artigo, observa-se, no segundo excerto, um baixo grau de localização-identificação da origem do empréstimo, o que impede o reconhecimento unívoco do lugar de exterioridade discursiva que denominava o evento como undokai. Ao não indicar explicitamente a fonte exterior de "Tinha gincana que/undokai chamava", deixando-a pressuposta para o interlocutor, associa-se a origem do nome aos próprios japoneses ou imigrantes japoneses, consoante ao apresentado por Dai Prá, Magalhães e Schemes (2022).

No excerto (3), observam-se duas ocorrências que se configuram como pontos de heterogeneidade mostrada:

(3) **(3a)** *Japonês tem aquele::: costume de.. aPRESENTar um outro ((falando mais baixo)) "oh aquele é bom.. vamo... apresNTAR pra fazer... casamento" ((apontando com o dedo indicador para a direita)) chama... miai.. antigamente usava muito porque não tinha condição de namorar assim né... então um ajuda dá um empurrãozinho... "oh aquele acho que é bom.. dá certo hein ((apontando para frente)).. oh você não quer namorar com aquele lá" ((apontando para o lado))... então tinha um apresentando alguém... é::: um conhecido que.. ((falando mais baixo)) "você num quer... casar?" eu quero ((confirmando com a cabeça)) porque eu num ti/eu num tinha NENHUM parente aqui no:: Marin:: eh::: Brasil ((chocalhando a cabeça para os lados))... aí quando:: morreu papai morreu mamãe eu só e os irmão e padastro né... tava dificuldade muito difícil... mas aí eu... oh quero ter parente ((confirmando com a cabeça))...né... aí::: foi encontrar ela... éh::: (mas) vamo casar... mas TEM que puxar enxada... oloco né.. aí.. porque ela tinha sítio... o sogro... TEM que puxar enxada.. TÁ BOM.. aí eu... largou.. o comércio... e::: foi puxar... enxada... MESMO eu puxando enxada até foi bom pra mim também... fiz alguma dinheirinho... tudo.. sozinho... e::: deu*

*pra ajudar... irmão né... então.. foi ajudar irmão que conheceu... casou... ele:... depois de fazer... (3b) chama miai né.. casou... mas foi graças a deus deu certo*

No excerto acima, é possível verificar como pontos de heterogeneidade as marcas linguísticas em que o sujeito fala ou se refere à língua japonesa, como em (3a) "Japonês tem aquele::: costume de.. aPRESENTar um outro "oh aquele é bom.. vamo... apresnTAR pra fazer... casamento" ((apontando com o dedo indicador para a direita)) chama... miai.." e (3b) "chama miai". Além dessas ocorrências, é possível reconhecer dois casos de discurso direto – "oh aquele é bom.. vamo... apresnTAR pra fazer... casamento" e "oh aquele acho que é bom.. dá certo hein ((apontando para frente)).. oh você não quer namorar com aquele lá" –, os quais são marcas explícitas de heterogeneidade mostrada (Authier-Revuz, 2004).

Em relação às ocorrências em que se faz uso ou se fala sobre a língua japonesa especificamente, a ocorrência (3a) "Japonês tem aquele::: costume de.. aPRESENTar um outro ((falando mais baixo)) "oh aquele é bom.. vamo... apresnTAR pra fazer... casamento" ((apontando com o dedo indicador para a direita)) chama... miai.." é passível de análise quanto às operações de delimitação propostas por Authier-Revuz (2007). Nesse sentido, o que diz respeito à operação de delimitação-localização, observa-se uma marca parcial entre o discurso e o já-dito, sem a presença fronteiras explicitamente sinalizadas. Assim, o excerto (3a) – com exceção do discurso direto – mescla o discurso do sujeito com o discurso do outro/Outro, ainda que a fonte exterior seja reconhecida em "Japonês tem aquele::: costume".

Já em relação aos graus de delimitação-identificação, a fonte do discurso em (3a) não está univocamente demarcada, pois "Japonês tem aquele::: costume" apresenta um caráter generalizado, impedindo a identificação precisa da sua origem. Dessa forma, a ausência de marcações explícitas para ambas as operações de delimitação (Authier-Revuz, 2007) torna a distinção dos limites entre o dizer do sujeito e o de outro/Outro uma questão puramente interpretativa.

Além disso, no excerto (3a), miai é apresentado como um costume amplo do "Japonês" e, ao mesmo tempo em que apresenta essa prática, o sujeito reinscreve sua própria experiência. Em determinado momento, essas experiências começam a se misturar, como em "'você num quer... casar?' eu quero ((confirmando com a cabeça)) porque eu num ti/eu num tinha NENHUM

parente aqui no:: Marin:: eh::: Brasil". Nesse contexto, o sujeito não apenas mescla seu discurso com uma fonte exterior, mas também entrelaça as suas próprias vivências enquanto um sujeito de ascendência japonesa, diluindo as fronteiras entre o dizer individual e uma prática cultural comum. Essa interseção marca um ponto de heterogeneidade e, além disso, indicia um processo de identificação com a cultura japonesa, no qual a prática de *miai* se torna um elemento de pertencimento e de negociação identitária (Hall, 2006).

Ainda em se tratando do terceiro excerto, em (3a) e (3b) o sujeito nomeia a ação de casamentos arranjados, e essa nomeação indicia a heterogeneidade entre a palavra e a coisa, sendo o enunciador "insuficientemente sustentado pelo contexto. Preenche-se essa deficiência com a assignação – contextual – do sentido dos elementos especificadores" (Authier-Revuz, 1998, p. 39). De acordo com Hatugai (2015), *miai* se refere ao modelo de matrimônios intra-comunidade obrigatórios aos imigrantes japoneses. Tais casamentos eram arranjados pelos responsáveis dos noivos ou por conhecidos desses, e estabeleceram, culturalmente, "relações entre a reprodução da cultura japonesa por meio da ordem familiar" (Hatugai, 2015, p. 9), uma vez que as mães eram responsáveis pelo ensino da língua, preparo de alimentos e socialização dos filhos, segundo os moldes tradicionais japoneses. Dessa maneira, ao passo que o termo casamento arranjado carregue a ideia de uniões negociadas pelas famílias dos noivos com o objetivo de transmissão de patrimônio (Zanardo; Valente, 2009), a sinonímia entre as expressões é inadequada e não garante plenamente o sentido que o termo *miai* implica do ponto de vista do sujeito enunciador, na condição/posição de identificação com a língua e culturas japonesas.

Na sequência, apresenta-se o último excerto selecionado:

(4) Kenji - ((Kenji gesticula com as mãos nos momentos de ênfase da fala)) ESSE já MAis de dois ano atrás já tava falando emisen emisen/sem... tem que fazer BONItinho pra deixar pra descendente.. pra que que/é né colônia fez e um pon:to pra agradece pra Brasil que acolheu nois e mostra... fazer uma:: (nós falamo) QUE agradecer pra Brasil... né... fez ALGUMA COIsa pra Brasil... ((Kenji Ueta sai da tela e passa fotos e recortes de jornal)) deixar alguma coisa bom.. né... tudo... ENTON culinária o::: FESta o:: TUDO NÉ.. (que o que) trouxe aqui que Brasil... também colheu e::: ajudou muito a colônia.... enton o gesto de... lá do japonês.. ou todos colônia falando fazer coisa bem feito pra deixa.. coisa bom pra Bra/pra agradeCER O::.. Brasil (pra Brasil).. E:: ((Kenji Ueta volta para tela)) um ponto pra mostra/ahn.. deixar pra::: descendente que deixar alguma coisa.. E:: esse emi... não é só japonês... ((contando nos dedos)) tem italiano tem

*português tem espanhol que/QUE ELES VÊ também que (é) NO::SSO.. né... e mostrar que: Brasil.. né... que... acolheu nois... pra deixar*

*Doc - O senhor é naturalizado brasileiro?*

*Kenji - ((concordando com a cabeça)) naturalizado*

No último excerto (4), o sujeito faz referência a *emisen*, que pode ser traduzido como rugas de risada, isto é, aquelas marcas que permanecem no rosto durante o sorriso (SUMAIRU, 2024). Partindo desse vocábulo, o excerto (4) traz indícios relevantes em relação à identificação do sujeito, que transita entre a comunidade japonesa e o Brasil. Nesse sentido, em “ESSE já MAis de dois ano atrás já tava falando *emisen emisen/sem...*” observa-se que o sujeito se insere linguisticamente na comunidade de imigrantes japoneses, assumindo a posição de agente do verbo “falando” e, assim, reafirmando seu pertencimento e identificação com o grupo. Ao mesmo tempo, o sujeito também expressa um forte sentimento de gratidão ao Brasil, país que “também colheu e:: ajudou muito a colônia.... enton o gesto de... lá do japonês.. ou todos colônia falando fazer coisa bem feito pra deixa.. coisa bom pra Bra/prá agradeCER O::.. Brasil (pra Brasil)”. Além disso, no excerto (4), ele reforça sua conexão com o país ao mencionar sua naturalização como brasileiro. Esses elementos discursivos sinalizam, mais uma vez, para a sua identificação fragmentada (Hall, 2006), marcada pela fusão de referências culturais japonesas e brasileiras, configurando seu pertencimento nipo-brasileiro (Lesser, 2001).

No contexto analisado em (4), *emisen* vai além de um simples vocábulo, assumindo um papel semelhante ao de um provérbio. No excerto transcrito, o termo pode ser interpretado como a ideia de que as rugas de felicidade simbolizam uma vida plena, servindo como um legado para as gerações futuras. Segundo Maingueneau (1989 apud Cazelato, 2009), os provérbios são intangíveis e representam um enunciado limite cujo sentido é determinado em função do contexto de uso instituído, não sendo possível citá-lo ou relatá-lo, apenas pode-se referir a um outro absoluto. Dessa forma, ao utilizar o que interpretamos como provérbio, *emisen* se configura como um ponto de heterogeneidade mostrada diferente das ocorrências anteriormente analisadas.

Em se tratando dos graus de balizamento propostas por Authier-Revuz (2007), o excerto (4) se caracteriza pela ausência de uma fonte discursiva para *emisen*. Nesse viés, no trecho “ESSE já MAis de dois ano atrás já tava falando

emisen”, não há uma marca que permita identificar a origem unívoca do termo. No entanto, é possível recuperar a fonte exterior do empréstimo a partir do contexto discursivo e da própria interpretação do excerto completo e associá-lo aos imigrantes japoneses, isso pois, conforme Authier-Revuz (2007, p. 18), “na ausência de qualquer indicação — é de modo puramente interpretativo que o fragmento da cadeia encontrará ou não seu ‘respondente’ na memória discursiva”.

Com base nos excertos analisados, infere-se que o sujeito, diante do inevitável conflito da multiplicidade de línguas, se instala na fusão entre elas (Coracini, 2007), de forma que uma língua não é capaz de incorporar toda a carga que as palavras da outra língua escrevem e inscrevem o sujeito, especialmente em momentos que se referem às práticas e valores da cultura japonesa, nos quais está inserido enquanto sujeito imigrante. Verifica-se, portanto, que as emergências do japonês se dão especialmente para explicar e exemplificar as práticas relacionadas à cultura japonesa que são entendidas como desconhecidas pelos “brasileiros” e, mais que isso, o reinscrevem enquanto sujeito imigrante. O sujeito Kenji Ueta, enquanto figura relevante para o cenário maringaense e nipo-brasileiro, recorre a outro/Outro ao relatar sua trajetória enquanto imigrante.

A partir da descrição e análise fundamentadas em Authier-Revuz (1990; 1998; 2004; 2007), não se buscou apenas o sentido das unidades lexicais empregadas, mas sim observar o sujeito enquanto comenta as palavras e reflete sobre seu próprio dizer, numa tentativa de se fazer ser entendido para a comunidade maringaense a qual o documentário era destinado, ao mesmo passo em que as duas línguas o constituem, pois “trazer a questão da língua é trazer a questão do sujeito e da identidade” (Coracini, 2007, p. 49). Ao empregar a língua japonesa, o próprio lexema passa a ser lugar de constituição do outro/Outro, de modo que o sujeito se mostra cindido pela heterogeneidade de si enquanto nipo-brasileiro e recorre a outra língua e cultura para se constituir e, ao mesmo tempo, ser constituído pela língua, valores e cultura do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho analisou a emergência da língua japonesa (e, conseqüentemente, da cultura japonesa) no discurso de Kenji Ueta, um imigrante

japonês no Brasil, e suas interações com o português, buscando mostrar como essa dinâmica mostra a complexidade do contato entre as duas línguas. A análise qualitativa dos excertos do documentário *As Lentes de Kenji* (2008) permitiu identificar momentos em que o japonês emergiu na cadeia discursiva produzida pelo sujeito.

A partir da descrição e da análise, verificou-se como mais que usos de sinonímia ou meros empréstimos lexicais, as emergências da língua japonesa representam pontos de heterogeneidade enunciativa, os quais sinalizam para a intrincada constituição desse sujeito, cindido pela dupla nacionalidade nipo-brasileira. Dessa maneira, os dizeres do sujeito analisados nesta pesquisa (e o próprio sujeito) mostram-se constituídos tanto pelo Brasil e/ou pela língua portuguesa, quanto pela língua japonesa, seus valores e celebrações. Vimos que, ao se referir, em “português”, às práticas ligadas à comunidade nipônica, o sujeito recorre a *outra* língua e aos outros/Outros que são exteriores ao seu discurso, mas que o constituem enquanto sujeito, a fim de comunicar suas práticas e vivências enquanto sujeito imigrante para a comunidade brasileira maringense. Ao mesmo tempo em que é afetado pelo Brasil (pela língua portuguesa, pelas vivências e culturas brasileiras), o sujeito é constituído pela identificação nipônica, a qual sua vivência de imigrante remete, manifestando-se enquanto sujeito nipo-brasileiro.

Consoante às análises feitas a partir da heterogeneidade enunciativa, verifica-se que a relação entre a língua portuguesa e a língua japonesa extrapola questões fonéticas e fonológicas ou questões ligadas à interferência de uma língua na outra, como apontam parte considerável das pesquisas feitas sobre o tema. A relação entre línguas, como procuramos defender, é parte constitutiva da movente, descentrada, deslocada e fragmentada identidade desse sujeito nipo-brasileiro; não se trata, pois, de um defeito a ser corrigido (pelo tempo, pela maior destreza e conhecimento da língua portuguesa...), mas de uma característica a ser melhor compreendida.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 19, p. 25-42, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. Nos riscos da alusão. In: *Revista Investigações*. Pernambuco, v. 20, n. 02, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1468>.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas/SP: Unicamp, 1998.
- BARBOSA, J. C. M. *Reassentamentos urbanos de imigrantes palestinos no Brasil: um estudo de caso do "campo" de Brasília*. 2010, 142 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Política) – Departamento de Sociologia e Política, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2010.
- BENITES, S. A. L. Fonologia. In: BENITES, S. A. L.; ANTONIO, J. D. (Org.). *Fonética e Fonologia*. Maringá: EDUEM, 2011, p. 33-50.
- BOURDIEU, P. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, A. *A imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 09-12, 1998.
- BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012. 117 p.
- CÂMARA Jr, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 30 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. 1 ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- CAZELATO, S. E. O. A cristalização dos provérbios e sua vigência nas práticas de gêneros textuais ou práticas comunicativas. *Sínteses*, v. 14, p. 86-104, 2009.
- CORACINI, M. J. R. F. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- DAI PRÁ, G. A. L. ; MAGALHÃES, M. L.; SCHEMES, C.. Undokai e Shinnenkai: manifestações culturais japonesas em uma localidade germânica (Ivoti/RS). *Humanidades & Inovação*, v. 9, n. 24, p. 208-221, 2022.
- DOI, E. T. . *O ritmo bimoraico e as Moras não-pletas do japonês: reflexões sobre o ensino da língua oral*. Trabalho em Linguística Aplicada, Campinas, v. 36, p. 51-60, 2000.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HATUGAI, E. R. *Parentesco, conflito e identificações entre famílias internéticas de descendentes de japoneses e não-descendentes*. Comunicação. I Seminário Internacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Marília, UNESP, 2015.
- LESSER, J. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- NOMURA, G. M. . Processos de ressilabação do português por aprendizes japoneses. In: AMADO, R. S. ; GIL, B.D. (Org.). *Reflexões sobre o ensino de*

português para falantes de outras línguas. 1 ed. São Paulo: Paulistana, 2012, v. , p. 68-73.

OBERST, L.C. *A escrita da criança entre línguas*. 2019. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

OHATA, K. Phonological differences between Japanese and English: several potentially problematic areas of pronunciation for Japanese ESL/EFL learners. *Asian EFL Journal*, Hong Kong, v. 6, n. 4, 2004.

SATO, A. de J. Undokai: a construção de identidade étnico-cultural em torno da niponicidade. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, jul. 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308075108\\_ARQUIVO\\_ANPUH-USP.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308075108_ARQUIVO_ANPUH-USP.pdf). Acesso em: 11 out. 2024.

SUMAIRU rain (Emi-sen). In: *Minna Shigaku*. Disponível em: <<https://minna-shigaku.com/category26/entry585.html>>. Acesso em: 02 de ago. de 2024.

TOMAZI, N. D. Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do estado do Paraná. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. (Orgs.). *Maringá e o Norte do Paraná: estudos de História Regional*. Maringá: EDUEM, 1999. pp. 51 – 86.

TVClipping Maringá-Paraná. *Documentário "As Lentes de Kenji"* - Diretor: Antonio Roberto de Paula. YouTube, 19 de fev. de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hgR0ZE09rH4>.

ZANARDO, L; VALENTE, M. L. L. C. Família e gênero na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 8, n. 2, p. 5-5, 2009.

Enviado em: 21 de março de 2025

Aprovado em: 27 de junho de 2025